Pesquisas etnográficas e vivências: um olhar sobre a cidade de São Paulo

Heitor Frúgoli Jr.

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3087>

DOI: 10.4000/pontourbe.3087

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Heitor Frúgoli Jr., « Pesquisas etnográficas e vivências: um olhar sobre a cidade de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3087> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3087

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

Pesquisas etnográficas e vivências: um olhar sobre a cidade de São Paulo

Heitor Frúgoli Jr.

- 1 Agradeço ao convite de Ana Rosas Mantecón e Fraya Frehse para participar no simpósio que ensejou este artigo, cujo formato de um diálogo entre pesquisadores da Cidade do México e de São Paulo não poderia ser mais oportuno, pela possibilidade de um contato mais sistemático com as produções de nossos colegas mexicanos, o que também resultou num conhecimento inicial de uma metrópole de que há muito desejava me aproximar.
- 2 Dentro do espírito desse encontro – sobre o impacto que viver em São Paulo ou na Cidade do México repercute na trajetória de investigação que cada autor(a) tem desenvolvido com respeito à sua própria cidade – optei por percorrer aspectos da minha trajetória acadêmica e minhas relações de vivência, pesquisa etnográfica e trabalho na cidade de São Paulo, a partir da qual espero colaborar com o debate proposto.

Os anos de formação – da graduação ao doutorado: os espaços públicos de São Paulo

- 3 Nasci em São Paulo, e na época da escolha de faculdade, residia em Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo. Minha opção pelas Ciências Sociais, ao final da década de 1970, se deu numa atmosfera difícil, ainda marcada pela ditadura militar e pelo autoritarismo, somada à falta de opções culturais, que não favorecia maiores questionamentos.
- 4 Paralelamente, configurava-se então um contexto sociocultural e político mais estimulante, com ampliação das liberdades democráticas, ressurgimento dos movimentos sociais e operário, retomada do movimento estudantil, somados à efervescência expressa nos shows de música popular, no teatro, no cinema. Tudo isso se dava num momento em que retomava gradativamente minha relação com a cidade de São Paulo, cuja atmosfera eu desejava, de alguma forma, tomar parte. Pude assim adquirir uma consciência mais clara em termos sociais e existenciais, a partir do contato com uma realidade nova e

instigante. Foi possível, desse modo, amadurecer um projeto de atuar de uma forma mais engajada e profissional na sociedade, levando-me, após opções anteriores interrompidas, a prestar vestibular em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

- 5 A certo ponto comecei a voltar a atenção para a questão urbana, para o tema da cidade, talvez antes mesmo do interesse pela própria antropologia. Minha primeira pesquisa mais sistemática ocorreu a partir dos meados do quarto ano da graduação, logo após a participação no curso de Sociologia Urbana, ministrado por Eva Blay,¹ que me incentivou a realizar uma espécie de levantamento etnográfico dos agrupamentos sociais que então usavam o Largo da Concórdia, no histórico bairro do Brás, marcado por sucessivas levas de imigrantes – marreteiros (camelôs), engraxates, desempregados, prostitutas, mendigos (população de rua), dentre outros, a maioria de origem nordestina –, buscando analisar estratégias sociais de múltiplas atividades cotidianas nas ruas, que subvertiam os usos do espaço esperados pelo planejamento urbano.
- 6 Tal trabalho – que se tornou um projeto de iniciação científica (Fapesp 1983-1984) – possibilitou-me adentrar o universo da pesquisa etnográfica, com o duro aprendizado nascido do contato “em carne-e-osso” com os sujeitos abordados: logo no primeiro dia de campo, ocorrera um “rapa” – apreensão das mercadorias dos camelôs pelos fiscais da Prefeitura, sob proteção policial e cobertura da imprensa, com o protesto dos atingidos e acusações de favorecimento àqueles que pagavam propinas. Dada a densidade do “drama social”² que se desenvolvia à minha frente, procurava observar tudo, perguntando afoitamente sobre o que ocorria, sem me identificar e fazendo eventuais anotações, quando fui rispidamente abordado por camelôs que me tomaram por um “fiscal disfarçado”. Desde então aprendi que a sensação de “invisibilidade” do pesquisador, tão comum entre principiantes, é um dos maiores equívocos que se pode cometer numa pesquisa.
- 7 O trabalho de campo propriamente dito possibilitou-me captar uma ordem e uma regularidade sob a aparência caótica da ocupação das ruas, embora, olhando retrospectivamente, tenha-me então faltado um melhor preparo teórico para transformar tais dados numa interpretação mais densa. A relação entre observação de campo e formulação teórica passou a constituir um desafio significativo. Foi a partir daí que me interessei por estudar mais sobre a própria prática etnográfica.³ Mais tarde (Frúgoli Jr. 1995), foi possível analisar sobretudo determinadas regras e hierarquias presentes no desempenho do trabalho informal nas ruas,⁴ a maioria delas invisíveis aos transeuntes, bem como a construção de determinadas estigmatizações.

FIG. 3.1: CAMELÔ NA PRAÇA AGENTE CÍCERO (© NILSON VILLAS BOAS), PARA A PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (COM BOLSA DA FAPESP) DE HEITOR FRÚGOLI JR. INTITULADA "LARGO DA CONCÓRDIA: USO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO" (DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, FFLCH-USP, 1983-1984)

FIG. 3.2: CAMELÔS NA PÇA AGENTE CÍCERO (ALÍPIO CASALI), PARA A PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (COM BOLSA DA FAPESP) DE HEITOR FRÚGOLI JR. INTITULADA "LARGO DA CONCÓRDIA: USO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO" (DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, FFLCH-USP, 1983-1984)

- 8 Já na fase final do curso de graduação, tive uma experiência profissional, fora do ambiente acadêmico, como pesquisador numa Assessoria Técnica da Secretaria das

Finanças do Município de São Paulo. Durante meses fiz parte de uma equipe que visitou inúmeras favelas e outras áreas com habitações precárias na periferia de São Paulo, para determinados levantamentos. Ao longo desse trabalho, reelaborei muitos dos estereótipos que tinha sobre esses locais, nos quais fomos sempre muito bem recebidos. Naquela época, tratava-se de espaços, à luz do dia, predominantemente femininos. Obviamente as favelas não eram ainda áreas dominadas territorialmente pelo tráfico de drogas, tal como se dá em muitas hoje em dia.⁵ O contato diário e por meses com tais lugares permitiu-me começar a reconhecer uma grande heterogeneidade interna, a começar pelos seus distintos graus de precariedade. Aos poucos, atentei para a ideia de como alguns conceitos macroestruturais abarcam de forma muito totalizante certos contextos (como o de favela), não levando em conta diferenças internas constitutivas. Apesar de todos os limites, tal experiência permitiu-me redimensionar a visão que tinha sobre a metrópole, sobretudo quanto à enorme dimensão e amplitude de sua área periférica, bastante desatendida, que na época já constituía um dos focos privilegiados de estudos antropológicos e sociológicos (Kowarick 1979; Cardoso 1986).⁶

- 9 Ao final da minha graduação, firmara-se a intenção de continuar decifrando a cidade principalmente a partir do olhar sobre suas ruas e espaços públicos, mas intrigava-me então o fenômeno do crescimento dos shopping centers, cuja presença na paisagem urbana paulistana passava a chamar atenção, vendo-os a princípio como espécies de “simulacros urbanos”⁷ que atraíam um grande número de frequentadores, à primeira vista especialmente as camadas médias e altas – antes que eu constatasse um crescente uso também pelas camadas populares –, concomitante ao esvaziamento e deterioração dos equipamentos de muitas praças, sobretudo nas áreas mais centrais de São Paulo.
- 10 Por outro lado, sentia necessidade de referenciais que me levaram a um grande interesse pela antropologia urbana. Assim, concorri e entrei no mestrado em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, sob a orientação de José Guilherme Magnani.⁸ Fiz então uma pesquisa para investigar a amplitude sociocultural da apropriação dos shopping centers de São Paulo por múltiplos agrupamentos de usuários, principalmente redes de jovens, que praticam diversas formas de sociabilidade nesses espaços, na articulação entre os campos do lazer e do consumo.
- 11 Realizei trabalho de campo em três shoppings de São Paulo – Iguatemi, Norte e Morumbi – para, através de observações sistemáticas e numa perspectiva comparativa, captar as formas de apropriação desses locais, com especial atenção à dimensão do lazer (Frúgoli Jr. 1992 e 2008).⁹ Para evitar tomar os shoppings como “isolados empíricos”, busquei estabelecer nexos comparativos desses estabelecimentos com outros espaços comerciais da cidade. Um exercício interessante foi observar, na época e mesmo depois, as formas de ocupação de galerias do centro de São Paulo, marcadas por outras dinâmicas de comércio e sociabilidade (Frúgoli Jr. 1995:63-69).¹⁰
- 12 A investigação tocava em aspectos ligados a certas mudanças socioculturais em curso no uso dos espaços urbanos, a formas de sociabilidade articuladas ao consumo e ao lazer, e ao início de um processo de massificação da frequência a esses estabelecimentos – ainda que a representação social predominante ainda hoje os veja como espaços destinados principalmente às classes de maior poder aquisitivo –, procurando contribuir para o debate sobre significados e sentidos da modernidade urbana.¹¹
- 13 Antes de ingressar no doutorado, um trabalho assinalável foi a co-organização de uma coletânea de textos na área das ciências sociais sobre os shopping centers no Brasil

(Pintaudi e Frúgoli Jr. 1992), analisando realidades urbanas diferenciadas e representativas, através de distintos olhares – da antropologia, da geografia, da sociologia e do urbanismo. Isso resultou, em suma, num enfoque sobre os shoppings e fenômenos correlatos que buscou contribuir com pesquisas no campo das ciências humanas sobre o tema.

- 14 Nessa ocasião, fui convidado pela editora Marco Zero para escrever um livro que resultou no tratamento de questões relevantes acerca de espaços públicos de São Paulo à luz das interações sociais neles ocorridas, em diálogo com minhas pesquisas sobre o tema, fazendo também uma espécie de balanço de outros estudos no âmbito das ciências sociais – sobretudo aqueles que contivessem dados etnográficos reveladores de usos e ocupações sociais das ruas e espaços similares. Procurei assim avançar, refletindo sobre as mudanças mais abrangentes que vinham ocorrendo nos espaços públicos, marcadas por um certo abandono pelas camadas mais privilegiadas – concomitante a uma intensificação do seu uso pelas camadas populares para vários fins – enquanto, simultaneamente, aumentavam espaços mais privatizados e seletivos, destinados sobretudo aos grupos de maior poder aquisitivo. Dessa forma, uma parte foi dedicada à área central de São Paulo – com certa deterioração dos equipamentos urbanos e uma ocupação diversificada de caráter mais popular – e outra abordou uma espécie de fragmentação dessa centralidade em espaços como shoppings, condomínios fechados (Caldeira 2000), complexos empresariais e outros. Tal livro foi publicado em 1995, sob o título *São Paulo: Espaços públicos e interação social* e penso que desempenhou seu papel numa sistematização antropológica concisa de várias etnografias sobre distintos usos dos espaços públicos da metrópole. Parte das dinâmicas de uso dos espaços do centro de São Paulo foram também abordadas em *Paisagens paulistanas* (Arantes 2000).
- 15 Nesse livro, estava mais permeável à ideia de que haveria uma espécie de desertificação de boa parte dos espaços públicos, com o reforço do controle, e que isso levaria, num certo sentido, a uma diminuição da diversidade sociocultural. Hoje revejo essa ideia, bastante discutida na época, de uma cidade apartada (Ventura 1994, Caldeira 2000) onde haveria uma crescente separação entre os mundos sociais. Hoje penso que inclusive os condomínios fechados implicam relações, interações que estão presentes mesmo quando não facilmente visíveis (Patriota de Moura 2012). Não tomaria, portanto, o pressuposto da separação, mas o ponto de vista das relações, mesmo que assimétricas e permeadas por conflitos.¹²
- 16 Como a área de estudos urbanos continuava a me suscitar interesse, concorri ao doutorado em Sociologia na USP, com um projeto inicialmente intitulado “Avenida Paulista: sociedade e cultura em São Paulo”, sob a orientação de Maria Arminda Arruda, no qual pretendia analisar aspectos da dinâmica urbana e cultural da metrópole à luz de processos que se davam naquela avenida, cujo entorno vinha constituindo uma forte centralidade, com uma significativa densidade simbólica.
- 17 Mas vinha enfrentando dificuldades para circunscrever mais precisamente o objeto de minha tese. Isso aos poucos convenceu-me da necessidade de uma reciclagem, tornada possível com uma “bolsa-sanduíche”, através da qual passei um ano (entre 1995 e 1996) como pesquisador visitante do Center for Iberian and Latin American Studies (CILAS) na University of California, San Diego (UCSD), sob a supervisão de James Holston, do Department of Anthropology da UCSD.
- 18 Para além da experiência universitária propriamente dita, o fato de estar num outro país, com todas as descobertas e agruras decorrentes, propiciou-me um amadurecimento

pessoal. Pude, ao longo de minha permanência, não somente vivenciar um cotidiano num contexto urbano muito distinto do Brasil, como também realizar por vezes pequenas viagens que ampliavam minha experiência como pesquisador e como cidadão. Conhecer outras cidades, nesse sentido, faz com que olhemos de forma mais aprofundada a própria cidade em que vivemos (e que investigamos), desenvolvendo nossa capacidade de estranhamento.

- 19 San Diego, onde morei com minha família, é uma cidade bastante “suburbanizada”, no sentido estadunidense do termo, com regiões esparsas ligadas por autopistas, um modelo muito recorrente no sul da Califórnia. A experiência no trânsito dos Estados Unidos propiciou-me muitas comparações com o sistema brasileiro, à medida que há diferentes regras, maior rigor no cumprimento destas, e direitos mais efetivos atribuídos ao pedestre, apesar do primado do automóvel e de um sistema de transporte coletivo bastante escasso. San Diego ocupa uma posição geográfica peculiar, próxima à divisa com o México e com a cidade de Tijuana – que também visitei –, recebendo assim muitos imigrantes, a maior parte ilegais, que desempenham atividades informais e mal remuneradas. Configura-se ao longo de toda a fronteira entre Estados Unidos e México uma cultura fortemente marcada pelo hibridismo, alvo de muitos estudos (Herzog 1992; Canclini 1997).¹³
- 20 Los Angeles, a duas horas dali, vem sendo considerada um importante paradigma de mudanças urbanas contemporâneas, cuja expressão propiciou o surgimento da “Los Angeles School” (Dear 2000), reunindo estudiosos ligados à temática urbana, com tópicos que incorporei seletivamente em minha tese de doutorado. Dada a proximidade com San Diego, foi igualmente alvo de especial atenção durante minhas visitas, principalmente no que diz respeito ao seu padrão acentuadamente descentralizado de urbanização, suas transformações no espaço público, seu modelo de segregação residencial, seu extenso sistema de autopistas, sua considerável diversidade étnica e sua indústria de lazer e cinema.
- 21 Dessa forma, foi possível aproveitar tal estadia no exterior como fonte de reflexão sobre a diversidade sociocultural. Ainda com relação aos Estados Unidos, retornei àquele país em 2001 e estava em Nova York quando ocorreram os atentados de 11 de setembro. Eu havia caminhado por aquela região um dia antes, mas naquela terça-feira estava no Queens, fora de Manhattan, quando se deram as explosões. Tal experiência inesperada e dramática permitiu-me ampliar de forma extraordinária meus conhecimentos sobre a realidade urbana nova-iorquina.¹⁴
- 22 Voltando à bolsa-sanduíche, o principal avanço residiu na reformulação do objeto da pesquisa de doutorado, tendo basicamente chegado ao seguinte objetivo: analisar como a centralidade da cidade de São Paulo vinha sendo articulada, redefinida e negociada por grupos empresariais no período mais recente de sua vida urbana, comparando o contexto social de três espaços significativos, desenvolvidos ao longo do “quadrante sudoeste”:
- 23 a) o Centro, que sofreu historicamente uma série de modificações, com a deterioração parcial de equipamentos urbanos e passando então por processos parciais de “revitalização” urbana, visto como espaço estratégico da vida metropolitana na ótica da Associação Viva o Centro;
- 24 b) a Avenida Paulista, uma espécie de desdobramento ampliado do centro tradicional sob a hegemonia do capital financeiro a partir da década de 1970, considerada a partir de 1990

- o “símbolo da cidade”, e cujo processo de deterioração urbana posterior levou à criação da Associação Paulista Viva;
- 25 c) a Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, representativa de uma tendência, a partir dos anos 1980, de concentração de multinacionais do setor terciário em São Paulo, com papel decisivo desempenhado pela empresa Bratke-Collet nessa estruturação, em cuja região se deu, em meados da década de 1990, a organização de um *pool* de empresários da região para a remoção de favelados de uma área das proximidades, durante a construção de uma avenida.
- 26 Finalizei da tese de doutorado em 1998, com sua publicação dois anos depois, em busca de um diálogo com outras abordagens sobre o contexto urbano nas ciências sociais. Menciono aqui uma contribuição à antropologia urbana: “... num aglomerado contíguo com mais de dez milhões de habitantes, como é o caso da cidade de São Paulo, não há uma, mas várias centralidades (Frúgoli 2000) e, em vez de se procurar (em vão) um princípio de ordem que garanta a dinâmica da cidade como um todo, mais acertado é tentar identificar essas diferentes centralidades e os múltiplos ordenamentos que nelas e a partir delas ocorrem” (Magnani 2002:15).¹⁵
- 27 A partir dessa época, começaram a surgir convites para investigações de curto prazo, com a possibilidade da retomada renovada de alguns enfoques, ou de incursões por novos terrenos. Ainda em 2000, realizei uma brevíssima etnografia de dois centros comerciais tradicionais e dois shopping centers da Zona Leste de São Paulo. Foi interessante observar, no caso do Shopping Aricanduva, situado em meio a uma enorme área de habitações precárias, o aprofundamento da absorção de camadas populares (já constatada uma década antes no caso do Shopping Center Norte), então em curso numa nova fronteira de expansão do comércio varejista moderno. Isso resultou, em 2001, na produção de um texto (em parceria com Raquel Rolnik, coordenadora do projeto), sobre as especificidades da espacialização da desigualdade nessa extensa área urbana de São Paulo. Recentemente retomei tal temática, quando da então possível construção de um estádio em Itaquerá (Zona Leste de São Paulo) para a Copa do Mundo (Frúgoli Jr. 2010).

A docência na Universidade de São Paulo e a pesquisa sobre a região da Luz

- 28 Principalmente a partir de 2003, ano de meu ingresso como docente na USP, pode-se falar numa multiplicação e simultaneidade de experiências acadêmicas, em que a cidade de São Paulo voltou a ser significativamente enfocada.¹⁶ Dois anos depois, ao contar com um pequeno porém sólido número de orientandos, criei um novo grupo de estudos, que veio a se chamar Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC/USP¹⁷), para encontros regulares voltados ao debate e à reflexão sobre temas ligados à teoria e à pesquisa nesse campo antropológico, do qual ocasionalmente participavam pós-graduandos e estudantes sob outras orientações. Tal experiência contou com o engajamento efetivo dos estudantes, com a formação de um campo de trocas assinalado por um forte coleguismo. Numa primeira etapa, pode-se dizer que as leituras e discussões situavam-se num contraponto entre abordagens antropológicas e sociológicas sobre a cidade, tendo como uma intersecção, produtora de um tensionamento benéfico, a prática etnográfica (Frúgoli Jr. 2005). Aos poucos, passamos a estudar e confrontar vertentes distintas no interior da própria antropologia, e a experiência instigou-me a escrever um pequeno livro –

Sociabilidade urbana (Frúgoli Jr. 2007) –, no qual basicamente busquei traçar a genealogia de conceitos referenciais na antropologia da cidade, sobretudo sociabilidade e situação, além da abordagem sobre contrapontos entre as figuras do cidadão e do cidadão, explorando o caráter relacional das modalidades de interação criadas e dissolvidas na cidade. Dessa forma, foi possível retomar de um ponto de vista teórico algumas de minhas experiências de pesquisa anteriores, bem como articular um campo parcial de referências transversais entre os participantes daqueles debates.

- 29 Sem pretender cobrir todas as orientações já realizadas, pode-se dizer que a partir do ingresso na USP foi possível acompanhar pesquisas que de certa forma passaram a se aproximar bem mais (em distintos graus) de temas ligados à antropologia da cidade, assim como se beneficiaram de questões tratadas em nossos debates. Atendo-me aqui apenas ao campo da pós-graduação, pode-se mencionar os trabalhos etnográficos (todos de mestrado e com foco majoritário em São Paulo) de Jessica Sklair (2010), com enfoque em articulações entre filantropia e segregação, de Daniel D. L. R. Costa (2007), a respeito de múltiplos agenciamentos em torno da população de rua, de Carlos F. de Aquino (2008) e Inácio de C. D. de Andrade (2010), sobre práticas e representações de movimentos de luta por moradia (o primeiro sobre grupos atuantes no centro de São Paulo, e o segundo voltado a acampamento periférico em São José dos Campos, SP) e de Enrico Spaggiari (2009), sobre redes situadas no cruzamento entre interações cidadinas e aprendizado da prática futebolística.¹⁸ Posteriormente, pode-se mencionar, quanto a pesquisas já concluídas sobre o contexto paulistano – a de Guilherme A. Aderaldo, a respeito das redes envolvidas na produção audiovisual sobre periferia (doutorado 2013), de Giancarlo M. C. Machado, sobre interações entre skatistas em diversas situações urbanas (mestrado 2014), de Bianca B. Chizzolini, sobre redes de relações entre moradores, comerciantes e proprietários do Centro (mestrado 2013), de Laís Silveira, sobre práticas políticas de participantes de uma associação de moradores no bairro periférico do Grajaú (mestrado 2104) e a de Julio Talhari, sobre formas de sociabilidade entre frequentadores da Pinacoteca do Estado (mestrado 2014).¹⁹
- 30 A investigação antropológica posterior em São Paulo se concentrou na Luz, bairro localizado na área central da cidade de São Paulo, situado numa confluência entre processos de preservação patrimonial de suas instituições culturais, intervenções urbanísticas e um uso histórico por parte de vários grupos provenientes das classes populares. Os conflitos decorrentes dos distintos interesses em jogo, o acirramento das disputas em torno dos direitos ao uso do espaço e a ampla cobertura da mídia impressa tendem a ressaltar uma realidade polarizada e dicotômica – sintetizada no contraponto entre “Nova Luz” (nome dado ao projeto de intervenção da prefeitura) e “cracolândia” (decorrente do crescente uso de crack em ruas da região) – que de certa forma deixa pouco visível uma população mais ligada ao bairro – moradores, comerciantes, frequentadores de espaços mais populares etc.
- 31 Tal investigação, iniciada em 2007 dentro do GEAC/USP, buscou reconstituir tal bairro do ponto de vista etnográfico, para além das representações tradicionalmente acionadas (e já mencionadas), através de um conjunto de linhas de investigação (relativamente simultâneas), que enfocaram segmentos da população local, como moradores, comerciantes, usuários de crack (identificados como noias) e frequentadores de equipamentos culturais e de lazer do bairro. Por meio de modalidades de observação participante e de relatos de interlocutores, analisamos redes de relações que conectam os atores sociais pesquisados, bem como articulado dimensões sobre a Luz que por vezes

aparecem fragmentadas ou polarizadas em duas representações apriorísticas sobre a região: “bairro cultural” e “cracolândia”. Boa parte dos resultados obtidos está disponível em outros números da *Ponto Urbe* e da *Brésil(s)*.²⁰

Fig. 3.3: PASSETA NA SANTA IFIGÊNIA (© HEITOR FRÚGOLI JR., 2011)

Fig. 3.4: PRÉDIO LACRADO E OCUPADO NA REGIÃO DA LUZ (© HEITOR FRÚGOLI JR., 2013)

FIG. 3.5: VIRADA CULTURAL NA REGIÃO DA LUZ (© HEITOR FRÚGOLI JR, 2015)

- 32 Ao final do relato dessa trajetória, marcada por várias tentativas de desvelamento da cidade a partir de pesquisas, situadas em certo trânsito disciplinar (hoje bem mais difícil de ser realizado) que culminou numa opção claramente antropológica (mesmo quando da incursão pela sociologia, a cidade continuou a ser alvo de um enfoque privilegiado), é possível assinalar breves aspectos transversais – sem buscar esgotá-los.
- 33 Uma primeira observação diz respeito aos vários significados atribuídos à cidade de São Paulo ao longo da minha própria trajetória de vida, tendo nascido e vivido na mesma, mas posteriormente mudado dali, o que fez com que meu retorno adviesse basicamente de dois projetos, em momentos (e com alcances) distintos, porém ambos ligados à universidade: o primeiro como estudante de ciências sociais, o segundo já como professor (ambos na USP). Tais afastamentos e aproximações de certa forma auxiliaram-me a aprender a olhar (e assim apreender) tal cidade (e suas múltiplas espacialidades) sob óticas diferenciadas (de “longe”, de “perto”, de “dentro”...), e com isso, atentar bastante às representações a respeito acionadas pelos sujeitos e interlocutores pesquisados, embora nesses casos a responsabilidade para evitar um viés etnocêntrico seja ainda maior.
- 34 De toda forma, também tem sido possível vivenciar experiências de pesquisa (ou mesmo pessoais) em contextos marcados por maior estranhamento – por mais que essa categoria suscite tantas relativizações –, o que espero ter deixado claro à medida que alinharei abordagens de longo prazo com outras de menor escopo e enfoque mais concentrado, de onde vieram, até há pouco, minhas experiências mais voltadas a contextos marcado por alteridades mais pronunciadas.
- 35 Tudo o que foi tratado aqui, com ênfase na cidade de São Paulo, denota uma trajetória voltada a uma antropologia da cidade, em que a mesma: é objeto privilegiado de reflexão, e não apenas pano de fundo de experiências; envolve uma problematização constante das especificidades das redes de relações criadas em tais contextos – nas quais o conceito de sociabilidade e suas derivações têm importante papel; possui como tema transversal a articulação dos atores sociais com o espaço e os equipamentos urbanos; exige uma atenção especial ao modo como se apreende a alteridade – nos jogos entre “familiaridade e estranhamento”, “at home” (em casa), “de nós mesmos”, “alteridade próxima” etc. (Velho 1978, Durham [1986] 2004, Magnani 2002, Peirano 2006:37-67, Frúgoli Jr. 2007).
- 36 A etnografia tem sido, dessa forma, uma referência fundamental cujas sendas pretendo continuar explorando – e até quando possível, como etnógrafo –, na busca incessante dos significados da cidade e do urbano na antropologia.

BIBLIOGRAPHY

- ADERALDO, Guilherme A. 2013. Reinventando a “cidade”: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social, USP.
- ANDRADE, Inácio. de C. D. de. 2010. Movimento social, cotidiano e política: uma etnografia da questão identitária dos sem-teto. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP.
- AQUINO, Carlos. R. F. de. 2008. A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MTSC). São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP.
- ARANTES, Antonio A. 2000. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas: Ed. Unicamp.
- AUGÉ, Marc. 2008. *Éloge de la bicyclette*. Paris: Payot & Rivages.
- BAUDRILLARD, Jean. 1985. *Simulacres et simulation*. Paris: Galillé.
- BLAY, Eva A. (org.). 1979. *A luta pelo espaço: textos de sociologia urbana*. São Paulo: Vozes, 2ª ed.
- CALDEIRA, Teresa. P. R. 2000. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/Edusp.
- CANCLINI, Néstor G. 1997. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- CANEVACCI, Massimo. 1993. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel.
- CARDOSO, Ruth. (org.). 1986. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CHIZZOLINI, Bianca. B. 2013. *Tecendo a rede: uma etnografia de moradores(as) e comerciantes no centro de São Paulo entre práticas e discursos de requalificação*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP.
- DE LUCCA, Daniel. 2007. *A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP.
- DEAR, Michael. J. 2000. *The postmodern urban condition*. Oxford/Malden: Blackwell Publishers.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. 2004 [1979]. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- DURHAM, Eunice. R. [1986] 2004. “A pesquisa antropológica com populações urbanas”. In: E. R. Durham, *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, pp. 357-376.
- FRÚGOLI JR., Heitor. 1992. “Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico”. In: S. M. Pintaudi e H. Frúgoli Jr., H. (orgs.), *Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Ed. Unesp, pp. 75-92.
- FRÚGOLI JR., Heitor. 1995. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero.

- FRÚGOLI JR., Heitor. 2000. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez/Edusp.
- FRÚGOLI JR., Heitor. 2003. "A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen, Holanda". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v.18, n.52: 109-126, <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n52/18068.pdf>
- FRÚGOLI JR., Heitor. 2005. "O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia". *Revista de Antropologia* v.48, n.1: 107-124, <http://www.scielo.br/pdf/ra/v48n1/a04v48n1.pdf>
- FRÚGOLI JR., Heitor. 2007. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FRÚGOLI JR., Heitor. 2008. "Sociabilidade e consumo nos shopping centers de São Paulo: eventos e desafios recentes". In: M. L. Bueno, M. L. e L. O. L. Camargo, L. O. de L. (orgs.), *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo: Senac São Paulo, pp. 231-246.
- FRÚGOLI JR., Heitor. 2010. "Distinção entre centro e periferia fica mais turva". *Folha de São Paulo*: 27 (Revista São Paulo), 14/11/2010, <http://www1.folha.uol.com.br/revista/saopaulo/sp1411201012.htm>
- FRÚGOLI JR., Heitor. 2012. "Introdução". In: H. Frúgoli Jr. (org.), "Dossiê Luz, São Paulo". *Ponto Urbe* n. 11, <http://pontourbe.revues.org/1129>
- FRÚGOLI JR., Heitor. 2011. "Nova York nos dias seguintes à tragédia (editorial)". *Arquitextos* n.18, <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.018/826>
- FRÚGOLI JR., Heitor. 2013. "Variations sur un quartier du centre de São Paulo". *Brésil(s)* n.3: 49-68, <https://bresils.revues.org/414>
- FRÚGOLI JR., Heitor e SPAGGIARI, Enrico. 2010. "Da cracolândia aos noias: percursos etnográficos no bairro da Luz". *Ponto Urbe* n.6, <http://pontourbe.revues.org/1870>.
- HERZFELD, Michael. 2006. *Anthropology: theoretical practice in culture and society*. Malden/Oxford/Carlton: Blackwell Publishers, 6th ed.
- HERZOG, Lawrence (ed.). 1992. *Changing boundaries in the Americas: new perspectives on the U. S.-Mexican, Central American, and South American borders*. San Diego: Center for U. S.-Mexican Studies, UCSD.
- HIRATA, Daniel. Jan.-Jun./2014. "Street commerce as a problem in the cities of Rio de Janeiro and São Paulo". *Vibrant* v. 11, n. 1:96-117, http://www.vibrant.org.br/downloads/v11n1_hirata.pdf
- HOLSTON, James. 1993. *A cidade modernista: uma crítica a Brasília e sua utopia*. São Paulo: Cia. das Letras.
- KOWARICK, Lúcio. 1979. *A espoliação urbana*. São Paulo: Paz e Terra.
- MACEDO, Márcio. 2007. "Baladas black e rodas de samba da terra da garoa". In: J. G. C. Magnani e B. M. Souza, B. M. (orgs.), *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, pp. 189-224.
- MACHADO, Giancarlo. M. C. 2014. *De carrinho pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*. São Paulo: Intermeios.
- MAGNANI, José. G. C. 2012. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Terceiro Nome.
- MAGNANI, José. G. C. Jun./2002. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v.17, n.49: 11-29, <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>

- MILLER, Daniel. 1998. *A theory of shopping*. Cambridge: Polity Press.
- PASTERNAK, Suzana T. 2013. “Favelas: políticas e práticas de intervenção em moradia precária em São Paulo, Brasil”. In: C. Fortuna e R. P. Leite (orgs.), *Diálogos urbanos: territórios, culturas, patrimônios*. Coimbra: Almedina, pp. 105-124.
- PATRIOTA DE MOURA, Cristina. 2012. *Condomínios no Brasil Central: expansão urbana e antropologia*. Brasília: Letras Livres/Ed. UnB.
- PEIRANO, Mariza. 2006. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- PINTAUDI, Silvana M. e FRÚGOLI JR., Heitor (orgs.). 1992. *Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Ed. Unesp.
- PUCCINELLI, Bruno. Jan.-Jul./2011, “Territórios sexuais: análise de sociabilidades homossexuais no shopping gay de São Paulo”. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero* v.2, n.1: 133-140, <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1743/1901>
- ROLNIK, Raquel e FRÚGOLI JR., Heitor. 2001. “Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências”. *Cadernos Metrópole* n.6: 55-83, http://www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/cm6_25.pdf
- SILVA, Carlos. F. 2011. “Viração: o comércio informal dos vendedores ambulantes”. In: R. Cabanes, I. Georges, C. S. Rizek e V. S. Telles, V. (orgs.), *Saídas de emergência*. São Paulo: Boitempo, 2011, pp. 57-73.
- SILVEIRA, Lais. 2014. *Política e território: etnografia das práticas políticas dos membros de uma associação de moradores no Grajaú*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP.
- SKLAIR, Jessica. 2010. *A filantropia paulistana: ações sociais em uma cidade segregada*. São Paulo: Humanitas.
- SPAGGIARI, Enrico. 2009. *Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP.
- SPAGGIARI, Enrico. 2014. *Família joga bola. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social, USP.
- TALHARI, Julio. C. 2014. *Cultura e sociabilidade no museu de arte: etnografia dos visitantes da Pinacoteca do Estado*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP.
- TURNER, Victor. [1974] 2008. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF.
- VALLADARES, Licia. P. 2005. *A invenção da favela*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- VELHO, Gilberto. 1978. “Observando o familiar”. In: E. Nunes, E. (org.), *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zaharpp. 36-46.
- VENTURA, Zuenir. 1994. *Cidade partida*. São Paulo: Cia. das Letras.

NOTES

1. Ver, dentre suas obras, Blay (1979).
2. Nos termos de Victor Turner ([1974] 2008).

3. Dificuldades que fazem parte do espírito de iniciação na pesquisa, na qual se pode testar os potenciais, bem como perceber lacunas a serem enfrentadas posteriormente.
4. Para abordagens mais recentes, ver Silva (2011) e Hirata (2014).
5. Sem adentrar na vasta bibliografia a respeito, ver Valladares (2005) e Pasternak (2013).
6. Arrependo-me de não ter-me ocorrido escrever uma espécie de “diário de campo” dessa experiência – tenho registros muito esparsos –, o que poderia ter sido mais frutífero posteriormente, embora isso tenha me impactado significativamente.
7. Em diálogo então com certo debate pós-moderno (ver Baudrillard 1985).
8. Para uma visão geral de suas linhas de pesquisa, ver Magnani (2012).
9. Ver também Canevacci (1993:57).
10. Ver, a respeito, Macedo (2007).
11. Obviamente lidei com a falta de uma interlocução mais clara em termos de pesquisas já realizadas, além de enfrentar, ocasionalmente, a posição dos que consideravam o objeto “pouco legítimo” dentro das ciências sociais, voltadas tradicionalmente ao estudo dos grupos sociais marginalizados. Ainda não havia propriamente uma antropologia do consumo, para a qual obras como Douglas e Isherwood (2004 [1979]) ou Miller (1998) ajudaram consideravelmente. Para um trabalho posterior sobre o tema, sob minha orientação e num contexto com particularidades, ver Puccinelli (2011).
12. Jessica Sklair, minha ex-orientanda de mestrado, cuja pesquisa resultou num livro chamado *A filantropia paulistana* (2010), pesquisou justamente a relação de grupos ligados às classes de maior poder aquisitivo na região do Morumbi com projetos filantrópicos voltados a regiões carentes: nesse campo entre pobreza e riqueza, na verdade, existem muitas interações, que em geral tratamos como se fossem mundos totalmente separados. Essa é uma questão frutífera do ponto de vista das abordagens etnográficas.
13. Para uma abordagem antropológica mais recente e instigante a respeito, ver Herzfeld (2006). Por outro lado, a posição de San Diego no litoral do Pacífico tem ocasionado a vinda de muitos imigrantes orientais, que têm formado certos “nichos” (nas universidades e em alguns bairros).
14. Que posteriormente elaborei no artigo “Nova York nos dias seguintes à tragédia” (Frúgoli Jr. 2001).
15. No retorno ao Brasil, ao final de 1997, participei de um concurso para lecionar antropologia para o Curso de Graduação em Ciências Sociais da UNESP de Araraquara, tendo obtido a vaga.
16. Em 2011, tive a oportunidade de fazer uma breve pesquisa de campo na pequena cidade de Beuningen, na Holanda. Para mais detalhes, ver Frügoli Jr. (2003). Por uma conjunção de fatores, foi possível retornar à Holanda outras vezes, repetindo-se, gradativamente, um conhecimento um pouco mais aprofundado. Na última vez (em 2010), tive a chance de uma experiência como professor visitante na Cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade de Leiden, onde ministrei dois cursos de antropologia da cidade, um sobre o Rio de Janeiro e outro sobre São Paulo, com novos aprofundamentos a respeito das respectivas produções relativas a ambos os contextos. Tendo morado por alguns meses em Leiden, pude incluir (gradativamente, e quando diminuiu a neve...) o uso da bicicleta no cotidiano, meio de transporte, como se sabe, altamente utilizado no país, com forte influência numa série de usos dos espaços (tanto da cidade como do campo), e que hoje em dia inspira uma série de movimentos por novas formas de utilização das cidades (Augé 2008).
17. Para mais detalhes, ver <http://geacusp7.wix.com/geac>
18. Com o aprofundamento posterior sobre esse e outros temas no doutorado (Spaggiari 2014).
19. As pesquisas mais recentes e ainda em andamento, que envolvem outros contextos em São Paulo e uma frente de investigação em Lisboa (a partir de minha inserção, em 2006, na Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos), com uma série de novos desafios, não serão aqui aprofundadas.
20. Ver Frügoli Jr. e Spaggiari (2010) e Frügoli Jr. (2012, 2013).

ABSTRACTS

O presente artigo sobre minha trajetória de pesquisas – assinalada por várias tentativas de desvelamento da cidade de São Paulo – busca o diálogo com uma antropologia em que a cidade: a) é objeto privilegiado de reflexão, e não apenas pano de fundo de experiências; b) envolve uma problematização constante das especificidades das redes de relações criadas em tais contextos – nos quais o conceito de sociabilidade e suas derivações têm um papel importante; c) adota como tema transversal a articulação dos atores sociais com o espaço e os equipamentos urbanos; d) exige uma atenção especial sobre o modo como se apreende a alteridade e a diferença.

The present article on my research trajectory – marked by several attempts to unveil the city of São Paulo – dialogues with an anthropology where the city: a) is a privileged object of reflection, and not only background of experiences; b) involves a constant questioning of the specificity of the relation networks created in such contexts – where the concept of sociability and its derivations have an important role; c) adopts as a transversal topic the articulation of social actors with the space and urban equipment; d) demands a special attention on the way alterity and difference are apprehended.

INDEX

Keywords: ethnography, anthropology of the city, São Paulo, sociability, university

Palavras-chave: Etnografia, antropologia da cidade, sociabilidade, universidade

AUTHOR

HEITOR FRÚGOLI JR.

Departamento de Antropologia – USP